

~~580~~

SENHOR

AO MUITO ALTO  
FIDELÍSSIMO,  
E  
PODEROSO REI  
NOSSO SENHOR

D. JOSÉ

&c. &c. &c.

*crece a gloria do seu Reino, e porque continua a Pro  
tecção de V. Magestade nas Artes, que a Arte Poetica, e  
particularmente interessada neste Regio Patrocinio, justamente o re  
quer, por effeito da sua Real Magestade, e porque realisada a fôrma do  
Ternio de V. Magestade nas Artes, que deliciação, e  
utilização a Republica, assim Civil, como Literaria, não pôde  
deixar de merecer a Real estimação de V. Magestade  
aquella, que encêrra sempre os Estados de flores, e de frutos co  
piosissimos. Dequo se por tanto V. Magestade de condes  
cender contra os, em permitir que os seus mais populosos,  
mais fiéis Vassallos, não publicamente as suas applicações,  
com a gloriosa ventagem do agrado, e da benevolencia, com que  
V. Magestade se procege.*

L.  
3206/16 A

DEPARTMENT OF AGRICULTURE  
BUREAU OF PLANT INDUSTRY  
WASHINGTON, D. C.

CONCLUSÃO  
DE  
POETICA E RHETORICA  
588

# SENHOR



*L*ORNA a prostrar-se perante os Reaes pés de V. MAGESTADE a Escola da Eloquencia do Collegio de Mafra. A Dignação, com que V. MAGESTADE foi servido conceder-lhe, que honrassse com seu Augusto Nome as primeiras Conclusões, lhe dá esforços para repetir o empenho, e esperar a mesma felicidade; mostrando ao Mundo novamente, que cresce a gloria de seus ditosos Estudos, porque continúa a Protecção de V. MAGESTADE. Parece que a Arte Poetica, especialmente interessada neste Regio Patrocinio, justamente o requer, por estar na posse de ser favorecida pelos Maiores Monarcas, que admirarão os Seculos; e porque renascendo á sombra do Throno de V. MAGESTADE todas as Artes, que deleitão, e utilizão a República, assim Civil, como Literaria, não pôde deixar de merecer a Real estimação de V. MAGESTADE aquella, que encheo sempre os Estados de flores, e de frutos copiosissimos. Digne-se por tanto V. MAGESTADE de condescender outra vez, em permittir que os seus mais pequenos, e mais fieis Vassallos authorizem publicamente as suas applicações, com a gloriosa ventagem do agrado, e da benevolencia, com que V. MAGESTADE os protege.

# SENHOR



ORNAM. a professor-se perante os Reaes ptes de  
V. Magestade a Escola de Elocuencia do  
Collegio de Mestre. A Dignidade, com que V. Magestade  
foi servido consideral-la, que domosse com seu Augusto Nome as  
primarias Condições, lhe dá estorço para repetir o supendo,  
e esperar a mesma felicidade; passando ao estudo novamente, que  
traz a gloria de seu ditoso estudo, porque continua a Pro-  
fessão de V. Magestade. Parece que a Arte Poética, q-  
preziosamente intertrahida neste Regio Patriarcho, justamente o re-  
quer, por estar no posse de ser favorecida pelos illustres flou-  
res, que admirando os Decretos, e porque transcendendo a sempre do  
Throno de V. Magestade tocan os Abres, que delectão, e  
utilidade a Republica, assim Civil, como Literaria, não pôde  
deixar de merecer a Real clemencia de V. Magestade  
aquella, que sempre sempre os estudos de flores, e de fructos co-  
piosissimos. Dignosse por tanto V. Magestade de conde-  
scender tanto vez, em permitir que os seus mais pupulos, e  
taes seus Vassallos antiveriam publicamente as suas applicações,  
com a gloria ventura de gloria, e da benevolencia, com que  
V. Magestade os favorece.

CONCLUSÕES  
DE  
POETICA, E RHETORICA,  
PRESIDENTE  
D. JOAQUIM DE GUADALUPE,  
DEFENDENTES  
ANTONIO JOSÉ DE FARIA DA COSTA  
ABREU GUIÃO,  
E  
JOAQUIM JOSÉ DE FARIA DA COSTA  
ABREU GUIÃO

No Real Collegio de Mafra dia 9 do corrente. *Setaria*

QUESTÕES HONORARIAS:

*Se houve Seculo em Portugal, em que floreceffe tanto a bella Literatura, quanto no felicissimo Reinado de Sua Magestade?*

*Se para os Seculos futuros terão maior gloria os Ora- dores, ou os Poetas, occupados nas grandes Accções d' ElRei Nosso Senhor?*

*Da Origem, e Progressos da Poetica.*



ENTRE as Artes, que servem ao gosto, e á utilidade dos homens, nenhuma parece merecer tanto os cuidados da nossa idade disposta já a entrar na carreira dos maiores estudos; nenhuma he tão digna das applicações de hum Seculo, em que reina o bom gosto, e em que tudo se vê novamente alumeado com as luzes da Antiquidade, como a Poetica. Esta bella Faculdade, que de principios humildes, e grosseiros chegou ao maior poder, e estimação, conquistando gloriosa, e suavemente o espirito humano, e levando-o, como em triumpho, pelos caminhos do deleite a fazer a pompa da Religião, e da humanidade, foi sempre o encanto dos Principes, e dos Póvos mais civilizados; a escola da mais elevada, e viva eloquencia; o emprego das riquezas todas do juizo, e do engenho. Nasceo antigamente nas cabanas dos Pastores entre o

rustico apparatus da flauta, do çurrão, e do cajado: creſceo nos campos, e nas aldeias: nutrio-se nos maiores povoados: aperfeiçãoou-se nas Cidades mais polidas: chegou em fim a ſer conſiderada como Divina, e a encher de honra, e de delicias eſſes Imperios mais florentes, que ainda hoje nos lembrão com respeito, e com inveja. O Mundo occupado já com os attrahctivos da Poefia, quaſi nada queria ouvir, ſenão pelo ſeu miniſterio: o culto da Divindade; as Leis; as Sciencias; a Hiſtoria, tudo o que intereſſava a civilidade, e a razão, tudo fallava na lingua dos Poetas. Entrou então a reflexão dos homens ſabios a averiguar a origem do ſeu meſmo goſto, e eſtimação: foi-se deſcubriendo o concerto da Poefia: apparecêrão os preceitos: formou-se a Arte.

Não ſabemos quando começou o ſeu uſo: ſabemos ſómente, que já no tempo de Moysés ſe conſagrava a Deos, em expreſões propriamente poeticas, o reconhecimento de ſeus beneficios; e parece-nos provavel que o primeiro homem inſtruido pelo Creador nas disciplinas do entendimento, e dos ſentidos, ſeria dotado deſta grande Faculdade; que deſfigurada depois, e quaſi extincta pela culpa, ſe iria aſſim communicando em pequenos reſtos aos mais homens, conforme a triſte fortuna das outras Artes; tanto podemos conjecturar da origem da Poefia. Mas ella amortecida já pelo peccado, tornou a reviver; a natural actividade do engenho humano; a harmonia innata, em que forão diſpoſtas pela Mão de Deos as noſſas idéas; o goſto, e a propenſão, que ſentimos para as obras de imitação, tudo fez naſcer outra vez, e foi alimentando em diverſas idades a Poefia. Chegou finalmente a ſer adulta entre os Gregos, onde ſe admira o mais brilhante theatro da bella Literatura. E quando na Aſia, na Macedonia, e no Egypto já havião Tribunaes ſeveros, que julgavão ſobre o merecimento deſta parte da Eloquencia, Roma levantou tambem o ſeu, e a Cabeça do Mundo ficou facilmente a ſua Meſtra, depois de ſe fazer discipula dos Póvos, de que triumphava. Neſtes felices tempos, em que a Poefia quaſi chegou a igualar o ſeu throno com o de Auguſto, eſtimariamos aprender aquellas regras, que Horacio, hum dos mais judicioſos Criticos deſſe Seculo de ouro, eſcreveo aos Pizões na Carta vulgarmente chamada *Arte Poetica*. Eſte he pois o noſſo empenho de expôr os preceitos de Horacio; não ſegundo a ordem de huma Arte regularmente methodica, mas conforme á natural occurrencia de huma quaſi familiar converſação.

### *Dos Preceitos da Poetica, aſſim geraes, como particulares.*

**H**E a Poetica *Arte*, que enſina as regras da Poefia. A Poefia he *Imitação da natureza feita em expreſões racionaes, e artificioſas*. Duidamos ſe para a Poefia he preciso que a imitação ſeja em verſo, ou ſe baſta que ſeja ornada com as bellezas, de que uſão os Poetas. Limita-se pois toda a Arte, de que tratamos, a huns certos preceitos para reſententar ao natural com delicadeza, e com graça qualquer objecto. A Arte Verſificatoria não nos deve por ora cuidado algum: contentamomos com expôr as diverſas medidas, de que uſa Horacio em todos os ſeus verſos.

Entre as regras geraes, que devem ſervir de huma norma inviolavel a qualquer Poeta, tem o primeiro lugar a *Unidade*, e a *Simplicidade*. Ho-

racio manifesta a sua importancia desde o principio da Arte , expondo as feias consequencias , que produz a falta deste preceito ; as mal entendidas licenças dos Poetas ; as deslocadas descripções , de que ás vezes usão ; a pouca uniformidade , e proporção ; e finalmente quanto a falta de Arte he nisto arriscada a precipicios , então mesmo quando elles se pertendem evitar. *Nos primeiros 37 versos.*

*Explicaremos em que consiste a Unidade , e Simplicidade , de que falla Horacio : em que está serem proprias , ou improprias as descripções ; e que Leis de proporção deve ter qualquer Poema.*

He necessario que considere bem a materia , sobre que se ha de occupar o Poeta ; e que com attentas reflexões lhe tome primeiro o pezo , conferindo-o com as suas forças , para que se não encarregue de mais do que póde. Quando se obra com esta prevenção , não faltão cousas , que se digão com agradavel propriedade , e com boa ordem. *Vers. 38 até 41.*

*Pecca-se de duas sortes contra este preceito ; o que diremos a quem nos quizer ouvir.*

A boa ordem no Poema deve ter hum certo artificio , em que se altere a série natural da materia , a fim de que se conduzão os animos por meio de alguma suspensão , que os vá entretendo , e deleitando ; e por esta regra humas cousas se hão de dizer primeiro , que parece se devião differir ; outras terão outro lugar. *Vers. 42 até 45.*

*Nisto se distingue a ordem Historica da Poetica ; porque na Historia seguem-se as cousas pelos seus tempos : pelo contrario na Poesia : principia-se pelo meio , depois se introduz o principio em algum epizodio , ou como for mais conveniente , &c.*

No uso de palavras novas deve ter o Poeta grande moderação : tome-se esta licença com reccio , fazendo-se de termos sabios alguma composição delicada , e harmoniosa , quando houver necessidade de descobrir de novo cousas desconhecidas aos Antigos ; e se a novidade do vocabulo tirar a sua origem da Lingua , que he tida por mái daquella , em que se falla , por meio de huma pequena mudança , então terá a palavra nova boa authoridade. Com estas condições permite-se aos Poetas formar palavras novas , e enriquecer com ellas o Idioma á imitação dos Antigos ; com tanto que tenham conformidade com o modo presente , que he o cunho , com que esta moeda corre : assim he bem certo que os vocabulos tem tambem suas idades ; nascem , e morrem , como tudo o que ha no Mundo. *Vers. 46 até 72.*

*Diremos em que circunstancias he não só licito , mas de grande energia , usar de palavras novas , ou antiquadas , ou estrangeiras : se he permitido deixar a palavra de uso presente por outra de igual força em significar : e se he melhor usar de circumlocução , do que de vocabulo antiquado , ainda que no seu tempo tivesse o patrocínio dos Mestres da Lingua.*

O genero de Poesia , de que deve usar o Poeta , necessariamente ha de ter conformidade com a materia ; de forte , que as façanhas illustres dos Reis , e Pessoas grandes ; as guerras ; o estabelecimento dos Imperios ; e outras cousas semelhantes , que inculcão por si grandeza , e importancia , pertencem ao Poema heroico , em que Homero foi o Mestre. *Vers. 73 até 74.*

*Poema Epico , ou Heroico he Imitação de huma acção muito illustre , e importante , tratada em estylo magnífico , que serve para instruir na virtude pela admiração , e pelo deleite. Deve ter grandeza proporcionada , principio , meio , e fim : limitada duração , e exito felice : deleite , instrucção ,*

maravilha, e verossemelhança. Deve constar de titulo, proposição, invocação, e narração; e cada parte destas com as qualidades, que exporemos. Deve finalmente ter unidade de acção, de tempo, e de lugar, ordem, ficção, máquinhas, epizodios, enredo, e solução: tudo isto deve respirar grandeza, moralidade sã, sentenças judiciosas, e o mais que declararemos sobre a Poesia heroica.

As cousas tristes erão antigamente o emprego da Elegia: depois usou-se tambem nas cousas alegres este genero de Poema, de que se não sabe o primeiro Author. *Vers. 75 até 78.*

Já hoje póde qualquer Poeta empregar a Elegia em qualquer materia, posto que he mais propria em assumptos patheticos. Se nos perguntarem a definição da Elegia, diremos hum genero de Poema, que só póde constar de hexametro, e pentametro. *Daqui se infere que não ha Elegia, senão em verso. O seu artificio está na introducção, amplificação, e digressão: exporemos as propriedades, e qualidades de cada huma destas partes: e he bem certo que o seu estylo deve ser affectuoso, e ornado; mas facil, e cheio de suavidade.*

O verso Jambo, que servio ás raivas de Arquiloco, he o mais proprio para o theatro, porque exprime bem as conversações; sobrefahe ao ruido do povo; e he o mais proprio para manejar qualquer acção. *Vers. 79 até 82.*

Se Arquiloco foi o primeiro Author do verso Jambo, he duvidoso; mas consta que delle usou com muita força, e acrimonia; e que Horacio foi o primeiro, como elle testifica, que introduzio entre os Latinos este genero de Poesia. *Epist. 1. ad Mæcenat.*

A Poesia Lirica tem por emprego cantar os Deoses, os Heroes, os Vencedores, os jogos, os divertimentos, e outros assumptos, que arrebatão o animo. *Vers. 83 até 85.*

Ode he Poesia, que amplifica qualquer assumpto por meio do canto harmonioso ao som da lira: consta de introducção, amplificação, e digressão: divide-se em Pindarica, ou Heroica, e Anacreontica; ou festiva, e galante: nella ou falla só o Poeta, ou introduz outrem a fallar; ou he mista de ambos os modos: o seu estylo he hum pouco arrebatado, cheio de enthusiasmo, com grandeza nas materias heroicas, e com graça nas galantes.

Não se deve o Poeta metter em emprezas, de que não tem uso; he preciso, antes que faça alguma Poesia, aprender primeiro a pintar as cousas com a sua côr natural. *Vers. 86 até 88.*

Parece que Horacio recommenda aqui que o Poeta saiba distinguir para as suas pinturas o colorido, que he proprio de huma Poesia do da outra: de sorte, que se não confunda a Ecloga com a Elegia; e a Epopeia com a Ode, &c.

Na Comedia não são proprios versos pomposos, e que tenham a grandeza, que pertence á Tragedia, porque cada cousa tem seu lugar; mas isto não obstante, algumas vezes he necessario elevar-se mais o estylo Comico, e como fahir dos seus limites. *Vers. 89 até 94.*

Comedia he Imitação de hum facto particular, e de pouca importancia, formado de modo que mova a riso, a qual tenha exito alegre, e se dirija á utilidade, e ao gosto, inspirando agradavelmente amor da virtude, e aversão do vicio. Diremos em que differe, e em que concorda a Comedia com a Tragedia: as partes de quantidade, e qualidade, que deve ter a representação Comica: a fabula, e seu enredo; a verossemelhança; inteireza; grandeza; unidade; epizodio, &c. Mostraremos os principaes vicios, de que adoecem as Comedias modernas; e com que virtudes se devem curar.

Posto que são proprias para a Tragedia as expressões grandes , e elevadas, ás vezes he preciso abater o voo o Poeta tragico; especialmente quando vai a tirar lagrimas, e mostrar coufa de grande dor : rejeita então estylo empolado, e ufa de expressões, as mais faceis, e naturaes. *Versf. 95 até 98.*

*Exporemos a definição da Tragedia: a materia, que lhe he propria; as Condições do Protagonista; a sua Origem; se he ou não mais antiga do que a Comedia; o seu fim; e as principaes leis, que devem dirigir o Poeta tragico, na economia das partes, assim de quantidade, como de qualidade da sua fabula.*

Não basta ao Poeta ser brilhante, he preciso que nas suas obras tenha huma tal doçura, que facilmente toque o coração, e o mova. *Versf. 99 até 100.*

*Se for preciso, apontaremos alguns Poetas antigos, e modernos descuidados deste preceito de Horacio, que mostrárão mais empenho nas flores, do que nos frutos dos seus Poemas.*

He necessario que o Poeta conceba em si os sentimentos, que intenta produzir nos outros; e que no gésto, e em todo o exterior, e interior concorde com o seu designio. *Versf. 101 até 111.*

*Diremos os excessos, e as faltas, que nisto póde haver, e as precauções, que são precisas neste particular.*

O decóro, ou a conformidade do que se diz com as circumstancias, em que se diz, com as Pessoas, seus caracteres, e qualidades, he ponto muito importante na Poesia. *Versf. 112 até 117.*

*Mostraremos este preceito desempenhado pelos bons Poetas, e violado pelos de reputação inferior.*

A verosemelhança he muito recommendada entre as regras da Poesia: pelo que sempre se deve seguir na pintura de qualquer Pessoa ou a fama, ou a coherencia natural; e se o Poeta introduz Pessoa nova, deve conservar-lhe constantemente o caracter, com que a introduzio, até o fim. *Versf. 119 até 127.*

*Diremos em que consiste ser verosimil: deve-se attender segundo este preceito, que tudo convenha á natureza, á fortuna, á idade, ao costume, á fama, e á historia: pertence esta regra a toda a Poesia.*

He mais facil, e mais livre de perigo fazer obra em terreno já aplaidado, isto he, tratar materia já trabalhada, do que trabalhar em materia nova; porém o Poeta imitando alguma peça desbastada pelos Mestres da Arte, deve ter moderação em não transcrever mindamente todas as particularidades, com que as Pessoas, ou as coufas forão já descriptas: e deve acautelar-se, para que não metta a obra em apertos, de que não possa fahir, sem violar as leis, ou do Poema, ou da prudencia. *Versf. 128 até 135.*

*Quando se faz este genero de imitação, he preciso ao Poeta que não seja hum Imitador servil, copiando palavra por palavra do que acha authorizado: que accommode ao seu géito a obra alheia: que advirta o que convem ao genero de Poesia, que lhe serve de Original, e ao em que ha de ser a copia, para não confundir as propriedades dos Poemas.*

He reprehensivel dar ás Obras Poeticas principios empolados, a que de ordinario se seguem despreziveis producções: a propriedade está em que a materia de hum estado escuro vá fahindo para o mais claro, e não pelo contrario, que depois das luzes se sigão trévas. *Versf. 136 até 145.*

*Peccão contra este preceito muitas Poesias modernas, que sendo necessario,*

rio, nomearemos : nunca he tão necessaria a simplicidade , como nos principios de qualquer obra: até nisto segue a Arte os passos da natureza.

A acção Poetica não ha de ir tirar o seu principio de huma origem remota ; mas do estado mais vizinho ao seu acontecimento ; e apressando-se para chegar ao intento principal , deve deixar o que não dá luzimento ao Poema , rejeitando o que lhe não he necessario , e enlaçando de tal forte a fabula , que a ficção vá misturada com verdades , e concorde o principio , o meio , e o fim com hum enredo agradável. *Vers. 146 até 152.*

*Tendo a fabula principio , meio , e fim , em cada huma destas partes deve haver igualmente ficção ; para tudo ser igualmente maravilhoso , deve tudo ir misturado de verdades , com que se faz mais verosimil.*

Se o Poeta nas Obras Dramaticas quer sustentar até o fim dellas o agrado do theatro , deve seguir as idades , e os costumes , que pertencem a cada huma , amplificando prudentemente as circumstancias , que fazem a imitação mais decorosa. *Vers. 153 até 178.*

*Os costumes , em que se comprehendem acções , e palavras , tomadas na parte que tem de Moral , são da primeira consideração na Poesia: devem ter quatro condições ; bondade , conveniencia , semelhança , e igualdade , tudo exporemos , se for preciso.*

Humas cousas se podem expôr aos olhos do theatro ; outras sómente devem ser ouvidas : as cousas atrozes , e muito feias não he bom que se representem á vista. *Vers. 179 até 188.*

*Alguns antigos atropellárão esta regra , que he fundada em razão , e experiencia.*

A fabula Dramatica pelo uso dos antigos deve constar de cinco actos , nem mais , nem menos. *Vers. 189 até 190.*

*Esta Regra não he hoje observada geralmente , nem tida por preceito de muita importancia: os Italianos especialmente , e os Hespanhoes fazem della pouco caso: perguntados , diremos o nosso parecer.*

Não se usa de maquina , senão quando sem esse meio se não póde levantar algum pezo: he dizer , que não se introduz Divindade sem grande urgencia : no theatro não fallão ordinariamente mais que tres Pessoas , a quarta não affecta fallar muito. *Vers. 191 até 192.*

*O preceito , que Horacio dá a respeito da quarta Pessoa , não tem lugar , senão na Tragedia , a qual no theatro Grego era observante desta Regra , que já hoje não agrada a todos.*

O coro faz as vezes de hum Actor , e occupa-se em encher o theatro entre os actos ; mas de modo , que não se empregue senão no que concorda com a acção , louvando os bons , vituperando os males , applicando as iras , animando temerosos , em fim cantando a virtude. *Vers. 193 até 201.*

*Não fallamos aqui do segredo , que Horacio parece quer recommendar como virtude do coro: achão-se córos nos antigos pouco fieis em guardar o que secretamente se lhes havia confiado: a regra ille tegat commissa póde ter diversa intelligencia.*

Não deve esquecer ao Poeta aquella antiga simplicidade , com que nos primeiros tempos sentia o theatro effeitos admiraveis ; e posto que o luxo dos seculos foi introduzindo novas modas de ostentação , assim na Poesia , como na Musica , he bem que se tenha diante dos olhos a antiga parcimonia. *Vers. 202 até 219.*

*Deste espirito de pompa , que anima o Mundo , e o faz buscar cada vez mais*

*Et Deus interit,  
dignus vindice  
Deus.*

mais grandes apparencias, nasce o estylo affectado, e como guizado com hum recheio de sentenças agudas, que á força desses adubos estragão o paladar.

A gravidade he preceito inviolavel ao Poeta; pois que ainda na primeira idade dos theatros, quando os Actores pertendião o riso dos Assistentes com diversas invenções satyricas, sempre se conservava a gravidade: e he preciso que nessas representações jocosas se não introduzão Pessoas de caracter maior, expostas á indignidade, e ao ludibrio. *Vers. 220 até 233.*

*Nas Comedias Castelhanas se vê muitas vezes violado este importante preceito, sabindo a público Pessoas de respeito para serem objecto de zombaria.*

No Poema satyrico não basta usar de palavras proprias, e claras, he necessario hum certo ar de graça, que distinga a satyra da Tragedia; mas não nisto de se guardar a cada Pessoa o seu decóro; nem na Tragedia, nem na satyra hão de fallar da mesma sorte Pessoas de diferentes condições. *Vers. 234 até 238.*

*Quer aqui Horacio que a satyra esteja no meio da Tragedia, e da Comedia; com tanto que as Pessoas ordinarias fallen comicamente, e tragicamente, isto he, com elevação, as Pessoas graves.*

A materia das satyras deve ser de cousas fabidas, e públicas, tratadas em estylo corrente, e natural, que parece facil quando se considera; mas he muito difficultoso de praticar. *Vers. 239 até 243.*

Satyra he Poesia urbana, e jocosa para reprehender vicios: divide-se em simples, dialogica, e mista; ou tem insinuação, ou exordio ex abrupto: não admitte invocação, nem proposição, salvo se esta vai disfarçada. O estylo deve ser tenue, e agradável ordinariamente, semelhante á conversação familiar, cheio de todo o genero de graças, porém com gravidade, e sentencioso, isto he, que parece facil de executar, em quanto se não entra na empresa.

Nas Poesias silvestres (*Eclogas, ou Satyras*) não devem entrar cousas muito finas, e delicadas, como se fallassem homens de Corte; nem tambem baixas, e grosseiras, do que ninguem gosta. *Vers. 244 até 250.*

Sabemos que Horacio propriamente intenta dar aqui preceito para a satyra; porém como a regra, que prescreve, se póde applicar á Ecloga, para que esta tenha lugar na Arte, dizemos que lhe pertence tudo o que neste lugar ensina o Mestre. Diremos que cousa seja Ecloga, sua definição, divisão, materia, estylo, partes; e o mais de que deve constar.

Como os versos Jambos são os mais proprios para o theatro, julgou Horacio que devia fallar da sua contextura, visto que a Poesia Drammatica he o que mais occupava os Poetas do seu tempo. Diz pois que a syllaba breve antes da longa faz o pé Jambo; porém a commodidade pede que se lhe mettão alguns Espondêos (*de duas longas,*) não sendo no segundo, e quarto pé: circumstancia, em que faltarão alguns antigos. Com tudo se os versos forem muito carregados de Espondêos, mostra o Poeta ou ignorancia, ou negligencia. *Vers. 251 até 262.*

Seguimos aquelles Commentadores de Horacio, que dizem ser propria a mistura dos Espondêos com Jambos sómente para a Tragedia: e então sempre os pés pares (*segundos, quartos, e sextos*) são Jambos: na Comedia, para esta imitar melhor o estylo familiar, admittem Espondêos ainda nos pés pares. Ennio, e Accio são nisto censurados.

Deve haver grande exacção na cadencia, e harmonia do verso; e posto que poucos são Juizes competentes, não he justo que ou a cegueira, ou a condescendencia dos outros nos faça descuidados. Os Gregos são os melhores exemplares. *Vers. 263 até 274.*

Os erros da syllaba, que fazem o verso desentoado, se se commettem, fazem a Poesia insoffrivel; e se se evitão, nem por isso merecem grandes applausos ao Poeta. Os Latinos, especialmente Plauto, tomárão mais licenças do que os Gregos: não desculpa Horacio em Plauto nem o numero Poetico, nem as graças licenciosas.

Para que as emendas, que se forão fazendo no theatro, estimulasse os Poetas a corrigirem maduramente as suas Poesias, riscando, polindo, mudando, e ponderando por muito tempo o que ha de fahir a público, julgou Horacio que devia expôr aqui a Origem da Tragedia, e Comedia, e os progressos, com que se forão augmentando. *Vers. 275 até 294.*

Ainda que Thespis he tido por primeiro inventor da Tragedia (Tragedia se chamava antigamente tudo o que era theatral,) antes delle já havia hum especie de representação, acompanhada de Coro, em que todos entravão descubertos: isto mudou Thespis, mettendo hum Actor, que recitasse, em quanto o Coro descansava, e trazendo em carros pelas ruas essas figuras já disfarçadas. Esquilo depois ainda mudou mais: e depois se forão seguindo mais mudanças, que cada vez aperfeiçoarão mais o theatro.

São desgraçados os Poetas, que se entregão de todo ao furor da fantasia, tendo isto por melhor qualidade, do que a Arte: deve pois esta entrar na fábrica da Poesia; porque não he só o enthusiasmo quem dirige hum bom Poeta. *Vers. 295 até 308.*

Manifesta bem Horacio a sua moderação, não se tendo por Poeta; o que lhe seria facil, se quizesse viver como esses fanaticos das Musas, que fazem capricho de sua loucura miseravel, pela mal entendida doutrina de Democrito.

A primeira cousa, e a mais necessaria, que ha de ter quem escreve, (especialmente Poesia) he o bom senso, tirado de hum Filosofia sã, porque isto basta, para que o Poeta seja sempre soccorrido das palavras mais proprias á sua obra; para que nunca lhe falte materia; e para que saiba tratar os officios da humanidade: e por conseguinte, dar a cada Pessoa o que lhe convem, porque mais agrada, e mais aproveita o solido, que o brilhante. *Vers. 309 até 322.*

Obras, que nem tem doutrina, nem costumes, nem sentimentos, mas somente palavras, por mais harmonia que tenham para os ouvidos, são vans, e para nada prestão.

Huma grande disposição para se adquirir a perfeição da Poesia, (como de todas as mais faculdades) he o desejo da gloria; estímulo poderoso que levou os Gregos ao eminente grão, a que chegarão. Queixa-se Horacio de que os Latinos tivessem outros appetites. *Vers. 323 até 332.*

Não se acha a sabedoria em almas escravas de suas paixões; nem ha cousa, que corrompa tanto o bom gosto do juizo, como a corrupção do espirito, e dos costumes. Horacio poz o exemplo na ambição dos Romanos.

Os Poetas ou trabalharão para serem uteis, ou para divertirem com as suas obras; ou tudo junto: devem por tanto ser breves, quando vão a instruir: verosimeis, quando vão a agradar: de forte, que se ajuntarem o agrado, e o proveito, conseguem tudo. *Vers. 333 até 346.*

Todo o ponto dos Poetas deve ser o tempero do gosto com a utilidade; porém se forçosamente houver de faltar alguma destas cousas, antes falte o deleite, do que o proveito.

Ha muitas vezes na Poesia alguns defeitos dignos de perdão; ha outros, que se não podem perdoar: na obra, em que ha muitas bellezas, justamente se dissimulão algumas máculas; mas não se póde disfarçar a falta re-

petida com frequencia : aliás nem os grandes Mestres estão livres de defeitos, especialmente em obras dilatadas. *Versf. 347 até 360.*

*He digna de observar-se a doutrina de Quintiliano Liv. 10. cap. 2. Nem tudo he perfeito nos melhores Mestres : ás vezes escorregão ; enfraquecem ; tem paixões ; cansão ; não podem conservar-se sempre no mesmo estado ; porque ainda que tenham grandeza , não perdem a humanidade : não se imitem pois as Pessoas , mas as virtudes : com tudo pede a razão , que dissimulemos nos antigos mais alguma cousa.*

A Poesia pela maior parte segue as regras da Pintura ; e pertendendo sempre copiar a natureza , humas vezes trabalha para pôr em escuro , e com pouca luz o seu artificio ; outras , para que elle se faça mais visível , e descoberto. *Versf. 361 até 364.*

*He certo que todas as Artes tem entre si huma certa alliança ; porém a Pintura tem mais particular parentesco com a Poesia nas imagens , e nos diversos pontos de vista , de que ambas usão.*

He bem certo que nas Obras Poeticas não ha meio ; ou arrebatão o gosto , ou enfastião ; o que he proprio das cousas , que são especialmente dirigidas para o deleite. *Versf. 365 até 378.*

*Diremos como isto concorda com o vulgar axioma : In medio consistit virtus.*

Deve-se aprender a Arte Poetica ; porque não basta ter outras qualidades para ser Poeta : he necessario que haja genio para a Poesia , e depois mostrar a Obra a quem a corrija severamente , acautelando-se a precipitação em produzir Poemas , sem tempo bastante para amadurecerem. *Versf. 379 até 390.*

*Que longe estão deste preceito muitos modernos , que trazem á praça fruta verde , como se fosse sazoadada !*

Convem saber de que servio , e como se estimou desde o principio a Poesia , para se avaliarem as Obras no seu justo preço , e para que ninguem se envergonhe de ser Poeta. *Versf. 391 até 407.*

*Os abusos dos Poetas tem feito cabir em pouca estimação a Poesia para com as Pessoas , que não sabem distinguir o precioso do vil ; mas he certo que ella he huma Arte utilissima ; e como tal estudada ainda pelos Chriştãos mais fervorosos nos primeiros Seculos da Igreja.*

Sendo muito necessaria aos Poetas a natureza , não he menos a Arte que a ajuda , e aperfeioa , mas he preciso trabalho para se adquirir esta bella faculdade , sem cujas luzes facilmente se torpeça. *Versf. 408 até 418.*

*Comporemos Horacio com Cicero , que parece estar de outro parecer.*

Não basta ainda nem a natureza , nem o estudo da Arte : he preciso tambem que haja quem possa aconselhar , e dirigir , com boa amizade , e intelligencia : por tanto a justa regra he mostrar a amigos sinceros a composição , e buscar a emenda della em circumstancias , que não alterem o conselho , nem por dependencia , nem por agradecimento , porque a lisonja corrompe a crítica mais pura. *Versf. 419 até 444.*

*Hum amigo interessado já mais pôde ser bom crítico : he como o Juiz corrompido , que não sabe julgar com rectidão.*

Quem tiver probidade , e prudencia , sendo consultado amigavelmente , será exacto nas cousas mais miudas , não deixando passar defeito , por leve que seja , nem temendo que o rigor lhe perca hum amigo , porque essas leviandades tem ás vezes tristes consequencias. *Versf. 445 até 452.*

*Diremos pela doutrina de Quintiliano em que consiste a judiciosa critica , com que hum amigo ha de corrigir as Obras de seu amigo.*

Mas

Mas assim como he precisa inteireza para julgar , e corrigir criticamente quem dá o conselho ; assim he necessaria docilidade para se aceitar , e seguir a correccão : de outra sorte todos fugirão de ouvir a Poesia sobre que se consulta ; e ninguem tirará o Poeta do precipicio , por mais que clame. *Verf. 452 até 460.*

*Em todas as cousas facilmente se enganão os homens com o que he seu ; porém nas obras do seu juizo , e imaginação ainda se balucinão mais naturalmente ; pelo que pede a prudencia que qualquer se tenha por suspeito na propria causa , e se renda a hum tribunal estranho.*

Os Poetas , que para se assim chamarem , não tem mais do que a mania de fazer versos , sem as virtudes , que os devem guiar , são desgraçados voluntarios : já mais dão ouvidos ao conselho : ninguem os póde soffrer , nem refrear nos seus excessos : hum destemperado frenesi de entusiasmo os conduz gostosamente ao precipicio : ferem , e matão gente com as suas composições ; e por mais que todos lhes fujão , se com alguém podem desentranhar o seu furor , não desistem até fartar-se de sangue. *Verf. 461 até o fim.*

*Assim como os bons Poetas servem á pública utilidade , assim são perniciosos os mds ; e não ha escandalo tão excessivo , a que não chegue o seu furor.*

### *De Rhetorica.*

**D**Epois de expormos os preceitos da Poetica , parece desnecessario fallar nos da Rhetorica , que para elles se suppõem. Basta-nos pois dizer a quem perguntar a definição , materia , questões , generos , e partes da Rhetorica : Que cousa seja Invenção , Disposição , Locução , Memoria , e Pronunciação : Como são , e se distinguem entre si os generos Demonstrativo , Deliberativo , e Judicial : as questões , *Theses* , e *Hypotheses* , de que consta qualquer obra Rhetorica : Os argumentos , a que chamão artificiaes , e inartificiaes ; intrinsecos , e extrinsecos : os que são proprios a cada hum dos generos das Questões : Quantos , e quaes sejam assim em commum , como em particular : Que são effectos de que usa a Eloquencia : Quando , e em que estylo se podem tratar , e que considerações são precisas na sua economia. Exporemos sobre Exordio , Narração , Proposição , Confirmação , e Peroração , qual seja o Officio do Exordio em conciliar a benevolencia , attenção , e docilidade ; e em mostrar o intento do Orador : De que principios , ou lugares se póde tirar a benevolencia , e a attenção , e porque meios se póde conseguir : Como se alcança com a Proposição a docilidade ; os preceitos ; virtudes ; e vicios do Exordio ; e se este póde deixar de se fazer , e em que circumstancias : Que cousa seja Narração , e de quantos modos : As boas qualidades , que a adornão , e os vicios , que a fazem defeituosa : Quando he necessario fazer Narração ; e em que genero de cousas , ou em que circumstancias se póde omittir : Qual seja o lugar proprio da Proposição , e que leis a devão governar : Como se define a confirmação , e se pertence á sua inteireza a confutação : De que modo esta se deve fazer ; que partes tenha ; que lugares ; que requisitos ; que virtudes , e vicios a podem qualificar : A ordem , e artificio , que devem ter os argumentos , assim na confirmação , como na confutação : De quantos modos he a argumentação ; e onde tem o seu proprio lugar : Que cousa seja ; por quantos modos , e em que situação he mais propria a amplificação : Quando he virtude , e quando degenera em vicio : Que he a Peroração ; qual o seu fim , e que leis tem : Como se devem nella resumir os argumentos , e os af-

fe-

fectos: Que estylo lhe he mais conveniente, e que cautelas se devem praticar no seu uso: e finalmente o mais que se nos perguntar de Rhetorica, segundo as doutrinas de Quintiliano, resumidas por Mr. Crevier.

*Demonstração de Poetica, e Rhetorica.*

**D**Efendemos os doze Livros da Eneyada de Virgilio, pelo que pertence á Poetica, e Eloquencia, como hum excellente modelo do Poema Epico, que não podem deslustrar algumas pequenas faltas, que Virgilio emendaria, se vivesse mais.

Mostraremos as admiraveis bellezas da Luziada de Camões, não obstante os delictos, que commetteo contra as leis do Parnaso.

Entre os Tragicos Latinos, que houve antigamente, apenas temos Seneca, a quem se attribuem algumas Tragedias; mas essas tão pouco ajustadas com a natureza, e com a Arte, que mal podemos defender alguma: mostraremos o bom, e o máo, que ha na intitlada *Medeya*.

Mostraremos tambem o que ha na Tragedia *Castro* do nosso Antonio Ferreira.

Declararemos as leis da Comedia, desempenhadas por Terencio na sua *Andria*.

Se nos pedirem exemplos da Elegia, da Ecloga, da Satyra, e da Ode, mostraremos tudo em Ovidio, Virgilio, e Horacio.

---

L I S B O A  
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXIII.

*Com licença da Real Meza Censoria.*



